

Cineclube *Olho na Cena*: Dez Anos Trabalhando com Imagens ¹

Luiz Carlos Sant'ana (*)

Introdução

A equipe do cineclube *Olho na Cena* vem atuando há quase dez anos em uma unidade da Rede FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro), a Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, localizada na cidade do Rio de Janeiro, no antigo bairro que sediava a corte imperial, São Cristóvão. Pretendemos fazer um brevíssimo apanhado dessa trajetória.

Começamos pelo espaço, tanto o físico como o institucional. A Rede FAETEC consiste em agrupamento recente no interior do sistema de ensino estadual; data de fins da década de 1990, com o intuito manifesto de fortalecer a modalidade de ensino técnico e incrementar a qualidade de instalações, o oferecimento de novos cursos médios e uma política salarial relativamente diferenciada ². Nesse sentido, toda uma estrutura anterior (colégios que já existiam e que tinham cursos técnicos de nível médio em sua grade) foi açambarcada e outras unidades foram criadas. Neste último caso insere-se a Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch (ETEAB). Com um espaço físico razoável, montado em um prédio com seis andares, com pátio frontal e estacionamento nos fundos, dotado de auditório, um campo de futebol *society* e uma pequena quadra descoberta de futebol de salão, o Colégio conta com seis tipos de formação específica para seus alunos (Turismo, Administração, Empreendedorismo, Propaganda & Marketing, Produção Cultural em Eventos e Produção

¹ O presente artigo nos foi enviado em abril de 2009 e aprovado em maio de 2009.

(*) Professor de História da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch – Faetec e da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro – Seeduc/RJ. Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense, mestre em História Social pela UFRJ e doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Comparada do IFCS/UFRJ, onde desenvolve pesquisa sobre cinema e futebol, no Brasil e na Espanha. E-mail: ppanacea@hotmail.com

² Frente à dura realidade de um grande número de unidades da Rede Estadual não técnica do estado do Rio de Janeiro, a FAETEC, com seus inúmeros problemas, ainda constitui um diferencial no sistema de ensino do Estado.

Áudio Visual – PAV³). Com este tipo de oferta a unidade é a mais próxima à área humanística, distanciando-se de componentes da Rede que lecionam, por exemplo, cursos de Edificação, Eletro-eletrônica, Enfermagem, Construção Naval etc. Esta é uma característica importante, posto que suscita um ambiente mais propício a iniciativas como a que empreendemos. Nossas atividades são voltadas para todos os alunos (embora docentes e outros funcionários também costumem frequentar-nos). Não obstante, alunos matriculados em Propaganda e PAV constituam um público alvo e de co-interesses quase imediatamente visível. Caberia complementar e finalizar com a informação de que o referido curso de PAV conta com equipamentos (câmeras, ilha de edição...) que possibilitam a realização de curtas, programas e/ou demais criações audiovisuais, o que, sem dúvida, contribui tanto para a escolha de nossa modalidade de intervenção pedagógica como para tornar a unidade atípica, no universo do ensino médio público.

É, pois, no espaço acima descrito, que atuamos. Não parece conveniente relatar todas as idas e vindas, conquistas e percalços ao longo dos últimos anos. Talvez valha a pena simplesmente registrar que foram muitos e que foram fundamentais para o momento atual, quando nos encontramos com status de núcleo pedagógico permanente, promotor de projetos (anualmente propostos), com dependência própria e equipamentos razoáveis, obtidos com dois aportes da FAPERJ⁴. O financiamento dessa agência de fomento, aliás, veio coroar uma busca por parcerias, que constitui parte de nosso relacionamento com a comunidade. Primeiramente com um posto de gasolina próximo, que forneceu ajuda para confecção de camisas e despesas básicas (locação de fitas, cópias de filmes...) e, desde 2008, com uma produtora/divulgadora de filmes nacionais, a Brazucah⁵. Importante convênio que nos permitiu promover duas pré-estréias no ano passado. Com a presença de

³ Zuenir Ventura visitou-nos, no segundo semestre de 2000, proferindo uma palestra. Desta resultou uma elogiosa crônica, “*Jovens e Jovens - que pelo menos não sejam parecidos com a pit-geração*” (*O Globo*, 19 de agosto de 2000). Nesse texto ele descreve nossas instalações: “De um lado o morro da Mangueira; em frente, o estádio do Maracanã. Trata-se de uma escola bem instalada, num prédio de seis andares e com um campus que parece de universidade”.

⁴ O primeiro financiamento foi referente aos anos de 2005/2006 e o segundo, relativo a 2007/2008, perfazendo um total aproximado de R\$21.000,00.

⁵ A Brazucah firmou conosco um convênio. Para isso há um aluno que faz o link entre nós e eles. De nossa parte ajudávamos a divulgar seus lançamentos de filmes nacionais e eles nos forneciam material de propaganda, ingressos para sorteio e convites para sessões prévias. Para informações sobre a Brazucah, ver o site <http://www.brazucah.com.br>. Neste ano de 2009 estamos firmando uma nova parceria, com os mesmos fins, com a produtora Praga conexões (site em construção: <http://www.pragaconexões.com/>).

atores e diretores pudemos trazer, em primeira mão para os nossos alunos, os filmes “Era uma vez” (em 19/06/2008) e “O Aborto dos Outros” (em 21/08/2008).

É de se mencionar ainda o início do quinto ano de parceria com um grupo específico de estudo de cinema, financiado pelo Projeto Estadual denominado “Jovens Talentos”. Com essa equipe compartilhamos a sala de reuniões, equipamentos, momentos de reflexão (estudo) e perspectivas conjuntas ⁶.

Daqui em diante vamos focar nos seguintes itens, sucessivamente: quem somos e o que fazemos; nossa concepção de trabalho e o mínimo encaixe pedagógico; a rotina, o espaço e os equipamentos utilizados; programação e perspectivas para este ano de 2009.

A equipe e as nossas atividades

Bom, mas quem somos e o que fazemos mesmo? Nossa equipe atual é formada por sete profissionais docentes da unidade e por dois colaboradores estudantes. Formamos um colegiado, cujas vagas para novos ingressos somente costumam abrir com a impossibilidade/desistência de algum dos membros (ou em caso de necessidade por volume de trabalho e/ou demandas específicas). Os colaboradores estudantis são, via de regra, selecionados por processo público, franqueado a qualquer estudante da ETEAB. Normalmente abrimos 08 vagas anuais, as quais passam a ter validade de estágio. Após seleção por intermédio de entrevistas, análise de rendimento escolar e/ou prova de redação, os mesmos incorporam-se ao grupo e passam a co-gerir a rotina. Voz e voto são garantidos a todos; aos profissionais cabe poder de veto, mas não de determinação das ações ⁷.

Desde o segundo semestre de 1999 vimos exibindo filmes com função pedagógica. Toda película projetada é estudada anteriormente e discutida pela equipe. Ao fim da sessão

⁶ O grupo do Jovens Talentos (projeto estatal de iniciação à pesquisa científica que oferece bolsas de estudos a adolescentes matriculados no ensino médio) que interage conosco é dirigido pelo Prof. Dr. Antônio Cícero, membro e fundador do Cineclub, constituindo uma aliança sólida e proveitosa conosco.

⁷ A equipe (tanto de profissionais como de estudantes) variou muito. Atualmente é composta pelos seguintes nomes (em ordem alfabética): Prof. André Tenório (filosofia), Prof. Mestre Ângela Maria Amarante (Literatura); Antônio Cícero, Prof. Dr. de História – e idealizador da iniciativa do Cine; Prof. Dr. José Adriano (Literatura); Prof. Luiza Marçal (língua Portuguesa); Prof. Luiz Carlos Sant’ana (doutorando em História) e Prof. Soraia da S. Pires (biologia). No presente momento contamos com dois colaboradores estudantes: Kauã de Vasconcelos F. da Silva e Jacques Costeau de Andrade. Neste momento estamos abrindo seleção com vagas para 06 estagiários.

conduzimos um debate (dirigido por um profissional da equipe e/ou por um estagiário). Costumamos fornecer a ficha técnica das obras. Depois de algum tempo, estruturamos as seguintes modalidades:

a) *Curta o almoço*. Consiste em exibição de curtas-metragens de estilos variados (animação, dramas nacionais, produções estrangeiras, filmes experimentais, produções dos nossos próprios alunos etc. Esta é nossa atividade básica, funciona toda quinta-feira, de 13:00 às 13:30 (quando se inicia o segundo turno do Colégio).

b) *Os “Cinefóruns”*. Consistem em debates sobre temas diversos (dia internacional da mulher, futebol e relações sociais no Brasil, discriminação racial...). Em todas as ocasiões são exibidos filmes relativos ao tema do dia. Para a discussão posterior costumamos mesclar pessoas da casa e convidados especiais.

c) *Ciclos temáticos*. Trata-se de mini-cursos, de 4 a 5 encontros semanais, ao longo de um mês. A idéia aqui é aprofundar um tema relacionado a alguma disciplina oferecida na Casa. Foram realizados, até agora, seis ciclos. Três deles ligados à História: “Imperialismo e Cinema” & “O golpe de 64 através de filmes” (duas versões). Os outros ciclos foram de literatura (mais três): Adaptações cinematográficas de obras literárias Nacionais e Contos de Fadas no Cinema (duas versões).

d) *Festival de Diretores*. Mini coletânea de diretores; mostra com 2 (dois) ou 3 (três) filmes, com apresentação especial e debate dirigido. John Ford, Ridley Scott e Ang Lee foram os selecionados e efetivados até o momento.

e) *Sessões de Sábado*. Essa é totalmente dos estudantes. Quem escolhe as fitas são os alunos, junto com o responsável, o professor Dr. José Adriano. Eles montam um grupo e agendam conosco. Nós exibimos os filmes e ficamos para um debate livre e informal.

Concepção e embasamento pedagógico

Ao atuarmos em um espaço público necessitamos de amparo legal e de orientação. Dessa forma, o texto que segue se ancora em uma referência oficial, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Outras fontes inspiram nossas concepções (parte delas pode ser deduzida da pequena bibliografia listada), mas pelos motivos acima centramos nossa “justificativa” pedagógica nos mencionados parâmetros.

Nosso maior *objetivo* é, a partir da exibição de filmes, estimular e promover o desenvolvimento de um prazeroso espaço coletivo de reflexão, integração social e crítica.

Nesse sentido empreendemos atividades variadas que apresentam um núcleo comum: o fascínio pela imagem e pela reflexão. Paralelamente a esse aspecto prazeroso, que nos une, compartilhamos também uma preocupação comum: entendemos que vivemos em uma sociedade cada vez mais atravessada por um sem número de fontes produtoras/emissoras de informações. Boa parte dessas mensagens utiliza a linguagem audiovisual⁸.

Um verdadeiro emaranhado de enunciados cerca o homem contemporâneo, gerando, por vezes, mais perplexidade que discernimento⁹. Embora esse fenômeno tenha se tornado mais visível e presente nessas três últimas décadas, progressivamente, algumas pessoas já antecipavam alguns de seus desdobramentos, no início do processo. Caetano Veloso, por exemplo, já perguntava, em 1968: “Quem lê tanta notícia?”¹⁰.

De nossa parte gostamos de perguntar (e sugerir o questionamento): quem vê tantas imagens? Melhor, *como são vistas (lidas) essas mensagens “filmicas”*? Toda enunciação (imagética, verbal, musical...) possibilita um exercício interpretativo, ou, se preferirmos, uma LEITURA. É nesse sentido que podemos “ler” um longa ou um curta metragem¹¹. É

⁸ Trata-se, aqui, de uma face dos “desafios postos por uma sociedade tecnológica”, conforme o PCN (BRASIL, 1999, p. 20).

⁹ Os referidos parâmetros, na referência ao ensino de História, discorrem sobre esse ponto: no processo de “formação de cidadãos críticos e conscientes (...) importa reconhecer o papel das COMPETÊNCIAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS como uma instrumentalização dos indivíduos, capacitando-os à compreensão *do universo caótico de informações e deformações que se processam no cotidiano*” (Id.: p.45. Grifo nosso).

¹⁰ “Alegria, alegria”, do primeiro LP de Caetano. O trecho é o seguinte: “O sol nas bancas de revista/ me enche de alegria e preguiça/ *Quem lê tanta notícia?*/ Eu vou...”.

¹¹ O PCN utiliza essa noção quando reconhece a importância de se trabalhar, em ciências humanas, com multiplicidade de fontes e testemunhos culturais, incluindo aí o *cinema*. E repete: “*é de fundamental*

isso que tentamos fazer em nossas atividades: treinar a leitura de bons filmes (e às vezes até de produções não tão boas; algumas fitas podem ser difíceis de assistir, mas boas para se pensar...).

A leitura de um filme, assim como a de um texto escrito, exige um treinamento prévio específico. Ninguém nasce sabendo ler e escrever. Com a interpretação dos filmes é a mesma coisa. Na rapidez dos nossos olhares deixamos de apreciar inúmeros sinais importantes, que compõem o conjunto narrativo de uma obra cinematográfica. *Além do prazer de ver, tentamos trabalhar a capacidade de entender*¹²; e para compreender um filme, muitas vezes não basta acompanhar bem os diálogos. Elementos como a luminosidade, a ordem e ritmo da composição das imagens (chamada de montagem, como se sabe), a coordenação entre a trilha sonora e as cenas, a forma, movimentação e o enquadramento a partir da câmara etc. Tudo isso, e mais, constituem recursos expressivos utilizados em maior ou menor grau em cada obra, conforme a criatividade e propósitos de autores e diretores. Distinguir esses detalhes é aprender a ler de novo e, conseqüentemente, re-descobrir o prazer dessa experiência.

Rotina, espaço e equipamento utilizado

Neste ponto abriremos mão de uma potencialmente aborrecida descrição para enfatizarmos dois aspectos. Trata-se, de um lado, da convocação; *do chamamento para a atividade: da propaganda*, e, de outro, dos recursos mínimos necessários.

Convocação. Inicialmente atuávamos passando nas salas (com uma periodicidade habitualmente mensal) e espalhando cartazes – muito simples – pela Escola. Mas a coisa andou... Primeiramente enxergamos que devíamos dar uma cara de cinema à convocação. O que melhor do que um cavalete, com cartazes chamativos? A história da imagem do cinema se confunde com essa cena: um cavalete, um cartaz, uma nova estréia. E, imaginem, o Colégio tinha um cavalete, subutilizado...

importância o desenvolvimento de competências ligadas à leitura, análise, contextualização e interpretação das diversas fontes e testemunhos das épocas passadas – e também do presente” (Id.: p.45. Grifo nosso).

¹² Princípio do PCN “para uma educação para o século XXI – *aprender a conhecer...*” (Id: p.25. Grifo nosso).

A evolução dos cartazes foi o passo seguinte. E de tal forma que se tornou uma marca registrada. Para tanto contamos com a inestimável colaboração da professora Ângela Amarante (e dos financiamentos que proporcionaram tinta colorida, papéis especiais e a aquisição de uma boa impressora) que edita e manipula habilmente a convocação via cartazes¹³. O material reproduz as chamadas oficiais (de propaganda) das produções com as quais trabalhamos e que, geralmente, estão disponíveis na internet. Com isso achamos mesmo que conseguimos dar *uma cara às nossas apresentações, de forma que a preparação já constitui um efeito de imagem e criatividade, comumente observado e apontado pelo público* (Ver ANEXO 1 – amostras).

O *espaço* preferencialmente utilizado era o do Auditório, no quinto andar (agora contamos com uma sala de exibição, como mencionaremos à frente). O *Material básico* consiste em: datashow, amplificador, tela branca, vídeo ou aparelho de DVD, (um filme previamente selecionado), cabos de conexão, ficha técnica, livro de registro. O importante, aqui, é que apesar de hoje contarmos com um conjunto de equipamentos bastante razoável, projetos similares podem ser incrivelmente baratos. Qualquer sala bem escurecida e preferencialmente distante de outras dependências com alto teor sonoro (quem leciona no ensino médio sabe do que estamos falando; esse fato básico é muitas vezes desconsiderado quando da escolha do lugar de montagem de uma sala de vídeo), um aparelho de DVD e um projetor (datashow) é suficiente. O restante (e não é pouco) é material humano e tempo disponibilizado pela instituição para dedicação à atividade.

Programação e perspectivas para 2009

Os dez anos do Cineclube *Olho na Cena* devem marcar uma nova etapa nesse nosso Núcleo Pedagógico. Foi necessária uma década para que algumas conquistas fundamentais fossem alcançadas e/ou consolidadas. Um passo essencial foi, a partir do reconhecimento do trabalho, a substituição de parte do tempo de sala de aula para o exercício dessa atividade. Sem isso nada seria possível. Implica um entendimento, por parte de sucessivas Direções da unidade, e da FAETEC, da desejabilidade e do ganho pedagógico no exercício

¹³ Aproveito a oportunidade para agradecer a mesma professora Ângela Amarante, pela gentileza de editar os anexos deste artigo.

sistemático do conjunto de nossas intervenções. Os financiamentos da FAPERJ também redesenham o espaço físico de nossa atuação. Desde a metade desse mês de maio (2009) contamos com uma sala de exibição própria (cujas montagens despendeu enorme esforço e persistência) com capacidade para 45 lugares, com boníssimas condições de exibição (ar condicionado, tela e datashow próprio, TV de plasma, para estudos de imagem – ver ANEXO 2: fotos). Esse novo ambiente proporciona, desde já, a geração de outras tantas modalidades de atividades, facilitadas ou mesmo viabilizadas pelas novas condições de exibição.

Encerramento

Pois bem, quem quiser está convidado. Toda quinta, na hora do almoço, na novíssima sala de exibição do Cineclube *Olho na Cena*, ou então conforme nossa agenda, que fica afixada em um cavalete na entrada da Escola. Para o leitor deste relato, se estiver interessado em uma visita, fica o contato do autor (caoargos@hotmail.com); temos também uma comunidade no orkut (cineclube Olho na Cena), na qual atualizamos a programação todo mês. Fique à vontade.

Quem sabe a gente não pega um cineminha?

ANEXO 1

(fotos da sala de exibição)



ANEXO 2

(Amostras de cartazes, convocações, certificados concedidos etc.)



ANEXO 2

(Amostras de cartazes, convocações, certificados concedidos etc.)



Referências

- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias* MEC. Brasília, 1999.
- CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. RJ, Elsevier, 16ª. Impressão, 1997.
- COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural*. SP, T. A. Queiroz, editor, 1987.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987.
- KORNIS, Mônica Almeida. “*História e cinema: um debate metodológico*”. RJ, seminário interno, CPDOC/FGV, abril de 1991.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de massa*. RJ, Paz e Terra, 3ª ed., 1982.
- MELO, Victor Andrade de. “*Animação Cultural: Um ponto de vista desde o Brasil, Um ponto de vista desde a América Latina*”. In: *Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana – Animação Cultural: Brasil*. Vol. 1, n. 1, out.2006/fev2007.
- METZ, Christian. *Linguagem e Cinema*. SP, Ed. Perspectiva, 1980.
- NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. SP, Ed. Contexto, 2008.
- SANTAELLA, Lúcia. *O Que é Semiótica*. SP, Brasiliense, 3ª ed., 1985.
- SOARES, Mariza de Carvalho & FERREIRA, Jorge (ogs). *A História vai ao Cinema*. RJ, Record, 2001.

Resumo: Este artigo consiste em um relato da trajetória da prática pedagógica de um cineclube, o *Olho na Cena*. Fundado em 1999, na Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch (FAETEC), vimos realizando um trabalho sistemático de educação pela imagem. Atuando em complementação à atividade letiva ordinária, crescemos em experiência, abrangência e expectativas. Perto de completar dez anos (em outubro de 2009), vemo-nos, pois, em condição e necessidade de dividir essa experiência numa nova fase de ampliação.

Palavras-chaves: Cineclube; projetos pedagógicos; educação pela imagem.

Abstract: This text is a synthesis about a pedagogical practical. Our Cinema club was founded in 1999, in a Technic State School, in Rio de Janeiro, Brazil. Since then we are working and teaching throughout images. Now, close to complete ten years, we think to

possess an experience in exhibition and debate with images; that's what we would like to share with this communication.

Keywords: Cinema club; teaching by images; cultural animation.